

Kate Raworth

Economia Donut

Uma alternativa ao crescimento a qualquer custo

Tradução:
George Schlesinger



Doughnut Economics
(*Seven Ways to Think Like a 21st-Century Economist*)

Tradução autorizada da primeira edição inglesa, publicada em 2017 por Random House Business Books, um selo de Penguin Random House, de Londres, Inglaterra

Copyright © 2017, Kate Raworth

Copyright da edição brasileira © 2019:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22.451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo

ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

A editora não se responsabiliza por links ou sites aqui indicados, nem pode garantir que eles continuarão ativos e/ou adequados, salvo os que forem propriedade da Zahar.

Consultoria: Euchério Rodrigues | Preparação: Diogo Henriques

Revisão: Carolina Sampaio, Eduardo Monteiro

Indexação: Gabriella Russano | Capa: Sérgio Campante

CIP-Brasil. Catalogação na publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Raworth, Kate, 1970-

R213e Economia Donut: uma alternativa ao crescimento a qualquer custo / Kate Raworth; tradução George Schlesinger. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

ii.

Tradução de: Doughnut economics

Apêndice

Inclui bibliografia e índice

ISBN 978-85-378-1828-2

1. Economia. 2. Economia – Séc. XXI. I. Schlesinger, George. II. Título.

CDD: 330.1

CDU: 330.1.19⁹

19-55214

Leandra Felix da Cruz – Bibliotecária – CRB-7/6135

A ferramenta mais poderosa em economia não é o dinheiro, nem mesmo a álgebra. É o lápis. Porque com um lápis pode-se redesenhar o mundo.

Quem quer ser economista?

EM OUTUBRO DE 2008, Yuan Yang chegou à Universidade de Oxford para estudar economia. Nascida na China e criada em Yorkshire, ela tinha a mentalidade de uma cidadã global: apaixonada por questões atuais, preocupada com o futuro e determinada a fazer a diferença no mundo. E acreditava que ser economista era a melhor maneira de se preparar para fazer essa diferença. Ela estava ávida, digamos assim, para se tornar o tipo de economista de que o século XXI necessita.

Mas Yuan logo ficou frustrada. Achava a teoria – e a matemática usada para prová-la – absurdamente estreita em suas premissas. E, como iniciou seus estudos num momento em que o sistema financeiro global rumava para a queda livre, não pôde deixar de notá-lo, ao contrário de seu programa de estudos na universidade. “O colapso foi um alerta”, afirma ela. “Por um lado, éramos ensinados como se o sistema financeiro não fosse uma parte importante da economia. Por outro, seus mercados estavam claramente causando grandes estragos, então perguntamos: ‘Por que existe essa separação?’ Era uma separação, percebeu ela, que ia muito além do setor financeiro, visível no abismo existente entre as preocupações da teoria financeira dominante e as crises cada vez mais fortes do mundo real, como a desigualdade global e as mudanças climáticas.

Quando apresentava suas questões aos professores, estes lhe garantiam que essa compreensão viria no próximo nível de estudo. Então, ela se matriculou no nível seguinte – um mestrado na prestigiosa London School of Economics – e esperou que a tal compreensão viesse. Em vez disso, intensificaram-se as teorias abstratas, multiplicaram-se as equações, e Yuan foi ficando cada vez mais insatisfeita. Mas, com os exames no ho-

rizonte, ela se deparou com uma escolha: “Em algum ponto”, disse-me ela, “percebi que simplesmente precisava dominar aquela matéria, em vez de tentar questionar tudo. E acho que esse é um triste momento para se viver como estudante.”

Muitos estudantes que chegam a essa percepção teriam ou se afastado da economia ou engolido a totalidade das suas teorias e construído uma carreira lucrativa a partir de suas qualificações. Yuan, não. Ela se propôs a encontrar estudantes rebeldes com mentalidade parecida com a sua nas universidades do mundo todo e logo descobriu que, desde a virada do milênio, um número cada vez maior deles havia começado a questionar publicamente o estreito quadro teórico que lhes era ensinado. Em 2000, alunos de economia em Paris tinham enviado uma carta aberta a seus professores, rejeitando o ensinamento dogmático da teoria dominante. “Desejamos fugir de mundos imaginários!”, escreveram eles. “Conclamamos aos professores: acordem antes que seja tarde demais!”¹ Uma década depois, um grupo de alunos de Harvard organizou uma saída em massa de uma aula do professor Gregory Mankiw – autor dos manuais de economia mais ensinados do mundo – em protesto contra a perspectiva adotada pelo seu curso, que acreditavam ser limitada e ideologicamente tendenciosa. Os estudantes estavam, segundo disseram, “profundamente preocupados que esse viés afete os alunos, a universidade e a nossa sociedade como um todo”.²

Quando chegou, a crise financeira estimulou a dissensão estudantil no mundo inteiro. E também inspirou Yuan e seus colegas rebeldes a lançar uma rede global conectando mais de oitenta grupos de estudantes em mais de trinta países – da Índia aos Estados Unidos, da Alemanha ao Peru –, que exigiam que a economia se colocasse em dia com a geração atual, com o século em que estamos, com os desafios que temos pela frente. “Não é só a economia mundial que está em crise”, declararam eles numa carta aberta em 2014:

O ensino da economia também está em crise, e essa crise tem consequências muito além dos muros da universidade. O que é ensinado molda as mentes da próxima geração de formuladores de políticas, e portanto as sociedades

em que vivemos ... Estamos insatisfeitos com o dramático estreitamento de currículo que tem ocorrido nas últimas décadas ... Ele limita nossa habilidade de enfrentar os desafios multidimensionais do século XXI – desde a estabilidade financeira até a segurança alimentar e as mudanças climáticas.³

Os mais radicais entre esses estudantes rebeldes vêm tomando conferências de intelectuais renomados como alvo para suas críticas contraculturais. Em janeiro de 2015, quando ocorria o encontro anual da American Economic Association no Hotel Sheraton de Boston, estudantes do movimento Kick It Over colaram cartazes acusatórios nos corredores, elevadores e banheiros do hotel, projetaram gigantescas mensagens subversivas na fachada do centro de conferências e atordoaram os participantes do colóquio ocupando seu sereno painel de discussões e sequestrando o tempo para perguntas.⁴ “A revolução da economia começou”, declarava o manifesto dos estudantes. “De campus em campus nós perseguiremos vocês, seus bodes velhos, até tirá-los do poder. Então, nos meses e anos seguintes, começaremos o trabalho de reprogramar a máquina do Juízo Final.”⁵

É uma situação extraordinária. Nenhuma outra disciplina acadêmica conseguiu provocar seus próprios alunos – precisamente as pessoas que optaram por dedicar anos de suas vidas a estudar suas teorias – a ponto de uma revolta mundial. Essa rebelião deixou clara uma coisa: a revolução na economia de fato começou. Seu sucesso depende não somente de derrubar as velhas ideias, mas também, e mais importante, de apresentar as ideias novas. Como disse certa vez Buckminster Fuller, o genial inventor do século XX: “Você nunca muda as coisas combatendo a realidade existente. Para mudar algo, construa um modelo novo que torne o modelo existente obsoleto.”

Este livro assume esse desafio, propondo sete maneiras pelas quais, com uma mudança de mentalidade, podemos todos aprender a pensar como economistas do século XXI. Revelando as velhas ideias que têm nos aprisionado e substituindo-as por ideias novas e inspiradoras, ele propõe uma nova história econômica que é contada tanto em imagens quanto em palavras.



“O crescimento econômico está matando o planeta?” Em janeiro de 2015, estudantes de economia rebeldes tomaram a rua diante do Hotel Sheraton de Boston para saudar a conferência da American Economic Association com sua crítica contracultural.

O desafio do século XXI

A palavra “economia” foi cunhada pelo filósofo Xenofonte na Grécia Antiga. Combinando *oikos*, que significa “casa de família”, “agregado familiar”, com *nomos*, que significa regras ou normas, ele inventou a arte de gerir um lar, e isso não poderia ser mais relevante nos dias de hoje. Neste século, precisamos de alguns gestores perceptivos para guiar o nosso lar planetário, e que estejam prontos a prestar atenção às necessidades de todos os seus habitantes.

Nos últimos sessenta anos tem havido passos extraordinários no bem-estar humano. A criança média nascida no planeta Terra em 1950 podia esperar viver apenas 48 anos; hoje, essa criança pode esperar 71 anos de vida.⁶ Desde 1990, o número de pessoas vivendo em extrema pobreza – menos de 1,90 dólar por dia – caiu para menos da metade. Mais de 2 bilhões de

pessoas obtiveram pela primeira vez acesso a água potável e banheiros. Tudo isso enquanto a população humana cresceu quase 40%.⁷

Essa foi a notícia boa. O resto da história, é claro, até agora não deu tão certo. Muitos milhões de pessoas ainda levam uma vida de extrema privação. No mundo todo, um em cada nove indivíduos não tem o suficiente para comer.⁸ Em 2015, 6 milhões de crianças com menos de cinco anos de idade morreram, mais da metade delas devido a condições fáceis de tratar como diarreia e malária.⁹ Dois bilhões de pessoas vivem com menos de três dólares por dia e mais de 70 milhões de mulheres e homens jovens não conseguem encontrar trabalho.¹⁰ Privações como essas têm sido exacerbadas por crescentes inseguranças e desigualdades. A crise financeira de 2008 enviou ondas de choque através da economia global, roubando empregos, moradias, economias e segurança de muitos milhões de pessoas. Ao mesmo tempo, o mundo se tornou extraordinariamente desigual: desde 2015, o grupo 1% mais rico detém mais riqueza que todos os outros 99% juntos.¹¹

Acrescente-se a estas situações humanas extremas a degradação cada vez mais profunda do nosso lar planetário. A atividade humana está colando uma pressão sem precedentes sobre os sistemas geradores de vida da Terra. A temperatura global média já aumentou em 0,8°C, e estamos a caminho de um crescimento de quase 4°C por volta de 2100, o que prenuncia inundações, secas, tempestades e aumento do nível do mar em uma escala e intensidade que a humanidade nunca antes presenciou.¹² Cerca de 40% das terras agrícolas do mundo estão agora seriamente degradadas, e por volta de 2025 duas pessoas em três viverão em regiões com problemas hídricos.¹³ Ao mesmo tempo, mais de 80% das áreas de pesca do mundo estão plena ou excessivamente exploradas, e o equivalente a um caminhão de lixo de plástico é jogado no mar a cada minuto: nesse ritmo, por volta de 2050 haverá no oceano mais plástico que peixe.¹⁴

Estes já são fatos avassaladores, mas as projeções de crescimento aumentam ainda mais o desafio pela frente. A população global se encontra hoje na casa de 7,3 bilhões, e espera-se que atinja quase 10 bilhões em 2050, estabilizando-se, por fim, em cerca de 11 bilhões em 2100.¹⁵ Espera-se

que a produção econômica global – a se acreditar nas projeções de manutenção das condições de atividade atuais – cresça 3% por ano até 2050, duplicando o tamanho da economia global por volta de 2037 e quase o triplicando em 2050.¹⁶ A classe média global – aqueles que gastam entre dez e cem dólares por dia – deve se expandir rapidamente, de 2 bilhões de pessoas hoje para 5 bilhões em 2030, provocando um surto de demanda por materiais de construção e produtos de consumo.¹⁷ São essas tendências que moldam as perspectivas da humanidade no começo do século XXI. Então, de que tipo de pensamento precisamos para a jornada que temos pela frente?

A autoridade da economia

Por mais que lidemos com esses desafios entrelaçados, uma coisa é clara: a teoria econômica desempenhará um papel decisivo. A economia é a língua-mãe da política pública, a linguagem da vida pública e a mentalidade que molda a sociedade. “Nestas primeiras décadas do século XXI, a principal história é econômica: crenças, valores e premissas econômicas estão moldando a forma como pensamos, sentimos e agimos”, escreve F.S. Michaels em seu livro *Monoculture: How One Story is Changing Everything*.¹⁸

Talvez seja por isso que os economistas carreguem um ar de autoridade. Eles ocupam lugares na primeira fila como especialistas no palco da política internacional – desde o Banco Mundial até a Organização Mundial do Comércio – e raramente estão distantes do centro do poder. Nos Estados Unidos, por exemplo, o Conselho de Assessores Econômicos do presidente é de longe o mais influente, renomado e duradouro de todos os conselhos de assessoria da Casa Branca, enquanto seus irmãos para questões de qualidade ambiental e de ciência e tecnologia mal são conhecidos fora dos círculos governamentais. Em 1968, o prestígio de Prêmios Nobel concedidos para avanços científicos em física, química e medicina foi estendido em meio a controvérsias: o Banco Central sueco pressionou e pagou por um prêmio em memória de Alfred Nobel a ser concedido anual-

mente também no campo das “ciências econômicas”, e seus laureados tornaram-se desde então celebridades acadêmicas.

Nem todos os economistas têm se sentido à vontade com esta aparente autoridade. Nos idos de 1930, John Maynard Keynes – o inglês cujas ideias viriam a transformar a economia do pós-guerra – já se preocupava com o papel desempenhado pela sua profissão. “As ideias de economistas e filósofos políticos, tanto quando estão certas como quando estão erradas, são mais poderosas do que habitualmente se entende. De fato, o mundo é regido por pouca coisa mais”, diz um famoso texto seu. “Homens práticos, que se acreditam bastante isentos de quaisquer influências intelectuais, geralmente são escravos de algum economista defunto.”¹⁹ O economista austríaco Friedrich Hayek, mais conhecido como o pai do neoliberalismo dos anos 1940, discordava violentamente de Keynes em quase todas as questões de teoria e política, mas neste ponto ambos concordavam. Em 1974, quando ganhou o Prêmio Nobel, Hayek o aceitou com a ressalva de que, se tivesse sido consultado sobre a sua criação, a teria desaconselhado. Por quê? Porque, disse ele à plateia reunida, “o Prêmio Nobel confere ao indivíduo uma autoridade que em economia nenhum homem deveria possuir”, particularmente, continuou, porque “a influência do economista que mais importa é uma influência sobre leigos: políticos, jornalistas, servidores civis e o público em geral.”²⁰

Apesar de todos esses receios dos dois economistas mais influentes do século XX, o domínio da perspectiva dos economistas sobre o mundo só se espalhou, até mesmo para a linguagem da vida pública. Em hospitais e clínicas de toda parte, pacientes e médicos têm sido transformados em clientes e provedores de serviços. Nos campos e florestas de cada continente, economistas estão calculando o valor monetário do “capital natural” e de “serviços do ecossistema”, que vão do valor econômico das zonas úmidas do planeta (que dizem ser de 3,4 bilhões de dólares por ano) até o valor global dos serviços de polinização por insetos (equivalente a 160 bilhões de dólares por ano).²¹ Ao mesmo tempo, a importância do setor financeiro é constantemente reforçada pela mídia, com matérias diárias no rádio e nos jornais anunciando os últimos resultados trimestrais das

empresas, enquanto os preços das ações correm em legenda na tela durante os noticiários da TV.

Considerando o domínio da economia na vida pública, não surpreende que tantos estudantes universitários, quando têm a chance, optem por estudar um pouco dela como parte de sua educação. Todo ano, cerca de 5 milhões de universitários apenas nos Estados Unidos se graduam com ao menos uma disciplina de economia no currículo. Um curso introdutório padrão que se originou nos Estados Unidos – e que é amplamente conhecido como Econ 101 – é agora lecionado em todo o mundo, com estudantes da China até o Chile aprendendo a partir de traduções dos mesmíssimos manuais usados em Chicago e Cambridge, Massachusetts. Para todos esses estudantes, o Econ 101 tornou-se parte fundamental de uma educação mais ampla, mesmo que depois eles optem por se tornar empreendedores ou médicos, jornalistas ou ativistas políticos. Mesmo para aqueles que nunca estudaram economia, a linguagem e a mentalidade do Econ 101 permeia tanto o debate público que molda a maneira como todos pensamos sobre a economia: o que ela é, como funciona e para que serve.

E aqui está o problema. A jornada da humanidade através do século XXI será conduzida pelos responsáveis por políticas, empreendedores, professores, jornalistas, líderes comunitários, ativistas e eleitores que estão sendo educados hoje. Mas a esses cidadãos de 2050 está sendo ensinada uma mentalidade econômica enraizada nos manuais de 1950, que por sua vez têm suas raízes nas teorias de 1850. Dada a natureza rapidamente mutável do século XXI, isso está tomando a forma de um desastre. É claro que o século XX deu origem a pensamentos econômicos novos e revolucionários, com uma predominante influência na batalha de ideias entre Keynes e Hayek. Mas, embora tenham sustentado perspectivas opostas, esses icônicos pensadores herdaram pressupostos imperfeitos e pontos cegos comuns que permanecem, sem qualquer exame, na base de suas diferenças. O contexto do século XXI exige que explicitemos esses pressupostos e tornemos esses pontos cegos visíveis, para que possamos, mais uma vez, repensar a economia.

Afastar-se da economia – e voltar

Como adolescente na década de 1980, eu tentava compor um entendimento do mundo assistindo aos noticiários vespertinos. As imagens de TV exibidas diariamente em nossa sala de estar me levavam para muito além da minha vida de estudante londrina, e essas imagens ficaram gravadas em mim. O inesquecível olhar silencioso de crianças de barriga inchada nascidas em meio à fome na Etiópia. Filas de corpos caídos como palitos de fósforo pelo desastre de gás em Bhopal. Um buraco tingido de púrpura na camada de ozônio. Um enorme vazamento de petróleo ocorrendo do *Exxon Valdez* nas águas pristinas do Alasca. No final da década, eu simplesmente sabia que queria trabalhar para uma organização como a Oxfam ou o Greenpeace – fazendo campanha para acabar com a miséria e a destruição ambiental –, e pensava que a melhor maneira de me equipar era estudar economia e pôr suas ferramentas a serviço dessas causas.

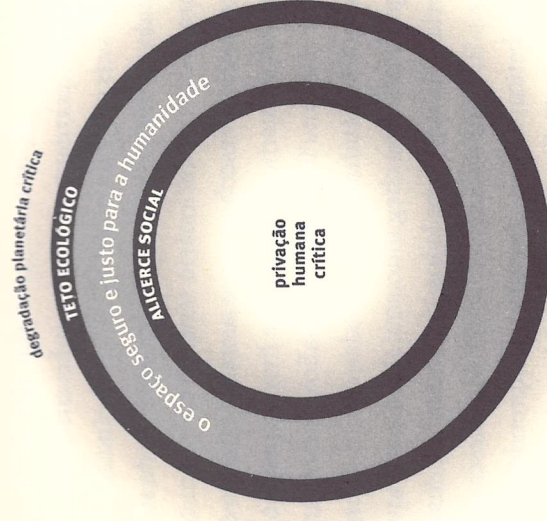
Então fui para a Universidade de Oxford a fim de adquirir as habilidades que eu acreditava que me preparariam para a tarefa. Mas a teoria econômica disponível me deixou frustrada porque fazia premissas estranhas acerca de como o mundo funcionava, ao mesmo tempo que minimizava precisamente as questões com as quais eu mais me preocupava. Tive a sorte de ter tutores inspiradores e de mente aberta, mas eles também estavam limitados demais pelo programa que se esperava que ensinassem e que nós devíamos dominar. Assim, depois de quatro anos de estudo, eu me vi me afastando da economia teórica, constringida demais para algum dia chamar a mim mesma de “economista”, e, em vez disso, mergulhei em desafios econômicos do mundo real.

Passei três anos trabalhando com empreendedores descalços nas aldeias de Zanzibar, com profunda admiração pelas mulheres que dirigiam microempresas enquanto criavam os filhos sem água corrente, eletricidade ou escola por perto. Saltei então para a muitíssimo diferente ilha de Manhattan, passando quatro anos na ONU (Organização das Nações Unidas), na equipe que redigia anualmente o emblemático *Relatório de*

desenvolvimento humano, enquanto testemunhava descartados jogos de poder que bloqueavam o progresso nas negociações internacionais. Sai para realizar uma antiga ambição e trabalhei com a Oxfam por mais de uma década. Ali presenciei a precária existência de mulheres – de Bangladesh a Birmingham – que trabalhavam na linha de frente das cadeias de abastecimento mundiais. Pressionamos para mudar as distorcidas regras e os padrões duplos que governam os regulamentos do comércio internacional. E explorei as implicações das mudanças climáticas em termos de direitos humanos, reunindo-me com agricultores desde a Índia até a Zâmbia, cujos campos haviam se transformado em terra árida pelo fato de as chuvas nunca chegarem. Então me tornei mãe – de gêmeos, ainda por cima – e passei um ano em licença-maternidade, imersa na trabalhosa economia de criar bebês. Quando voltei ao trabalho, compreendi como nunca antes as pressões de pais que precisam conciliar emprego e família.

Ao longo de tudo isso, fui aos poucos percebendo o óbvio: que eu não podia simplesmente me afastar da economia, porque é ela quem molda o mundo em que vivemos, como certamente moldou a mim, mesmo que mediante a minha rejeição. Então decidi voltar a ela e virá-la de cabeça para baixo. E se começássemos a economia não com suas teorias há muito estabelecidas, mas com as metas a longo prazo da humanidade, e então buscássemos o pensamento econômico que nos permitisse atingi-las? Tentei fazer um desenho dessas metas, e, por mais ridículo que isso possa parecer, o resultado foi algo semelhante a uma rosquinha – sim, aquela rosquinha também chamada de donut, com um buraco no meio. O diagrama completo é apresentado no próximo capítulo, mas em essência trata-se de um par de anéis concêntricos. Dentro do anel interno – o alicerce social – estão as privações humanas críticas, como fome e analfabetismo. Fora do anel externo – o teto ecológico – está a degradação planetária crítica, como as mudanças climáticas e a perda de biodiversidade. Entre esses dois anéis está a rosquinha, o Donut em si, o espaço no qual podemos atender às necessidades de todos contando com os meios do planeta.

As rosquinhas açucaradas, fritas em imersão, dificilmente irão parecer uma metáfora razoável para as aspirações da humanidade; mas a imagem



A essência do Donut: um alicerce social de bem-estar abaixo do qual ninguém deve cair e um teto ecológico de pressão planetária que não devemos transpor. Entre os dois encontra-se o espaço seguro e justo para todos.

tinha qualquer coisa que fez vibrar algo em mim e em outras pessoas, por isso pegou e deu origem a uma questão profundamente excitante:

Se a meta da humanidade no século XXI é entrar no Donut, que mentalidade econômica nos dará a maior chance de chegar lá?

Com o Donut na mão, pus de lado meus velhos manuais e procurei as melhores ideias emergentes que pude encontrar, explorando um novo pensamento econômico com universitários de mente aberta, líderes empresariais progressistas, acadêmicos inovadores e ativistas de primeira linha. Este livro reúne os insights fundamentais que descobri ao longo do trajeto – insights sobre formas de pensar que eu gostaria que tivessem cruzado meu caminho no início da minha própria educação econômica. Ele se baseia em diversas escolas de pensamento, como a economia da complexidade, a ecológica, a femi-

nista, a institucional e a comportamental. Todas elas são ricas em ideias, mas ainda existe o risco de permanecer separadas em compartimentos, cada uma aninhada em suas próprias publicações, conferências, blogs, manuais e cátedras, cultivando seu nicho de crítica ao pensamento do século passado. O avanço verdadeiramente revolucionário reside, é claro, em combinar o que cada uma tem a oferecer e descobrir o que acontece quando elas dançam no mesmo ritmo, o que é exatamente o que este livro se propõe a fazer.

A humanidade enfrenta formidáveis desafios, e em grande parte é graças aos pontos cegos e metáforas equivocadas de um pensamento econômico obsoleto que acabamos chegando aqui. Mas, para aqueles que estão prontos a se rebelar, olhar para os lados, questionar e pensar de novo, são tempos excitantes. “Os alunos precisam aprender a descartar velhas ideias, como e quando substituí-las... a aprender, desaprender e reaprender”, escreveu o futurista Alvin Toffler.²² Isso não poderia ser mais verdadeiro para aqueles que buscam a instrução econômica: agora é o grande momento de desaprender e reaprender os fundamentos da economia.

O poder das imagens

Todo mundo está dizendo: precisamos de uma nova história econômica, de uma narrativa do nosso futuro econômico partilhado que seja adequada ao século XXI. Eu concordo. Mas não esqueçamos uma coisa: as narrativas mais poderosas ao longo da história foram aquelas contadas com imagens. Se queremos reescrever a economia, precisamos também redesenhar suas imagens, porque temos pouca chance de contar uma história nova se nos apegarmos a ilustrações antigas. E se desenhar novas imagens parece frívolo – algo como uma brincadeira de criança –, acredite que não é. Melhor ainda, deixe-me provar.

Desde as pinturas pré-históricas nas cavernas até o mapa do metrô de Londres, imagens, diagramas e gráficos estão há muito no cerne da narração humana de histórias. A razão é simples: nossos cérebros estão programados para interpretar elementos visuais. “A visão surge antes das palavras. A criança olha e reconhece antes de falar”, escreve o crítico de arte John Berger nas linhas de abertura do seu clássico de 1972, *Modos de ver*.²³ Desde então

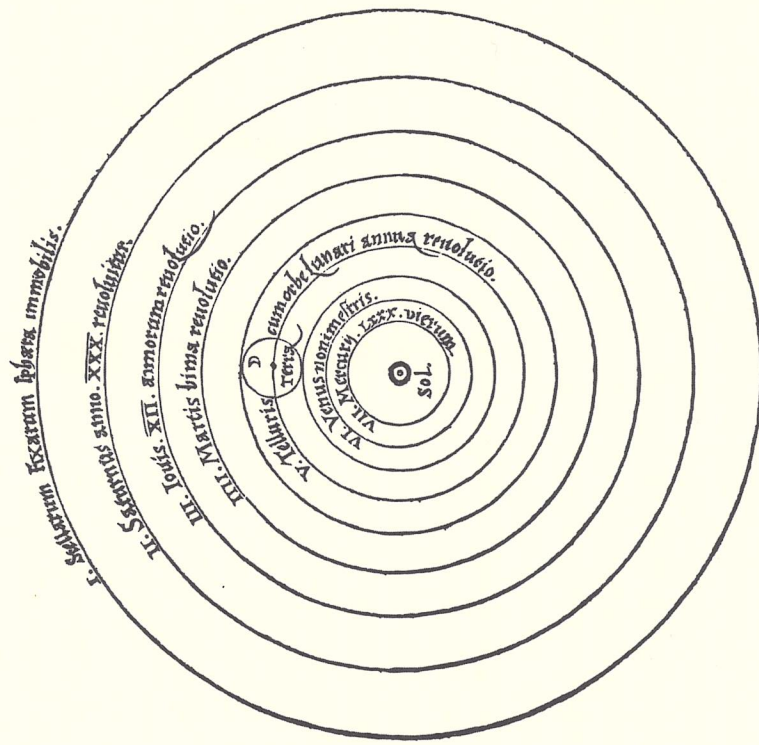
a neurociência confirmou o papel dominante da visualização na cognição humana. Metade das fibras nervosas no nosso cérebro estão ligadas à visão, e, quando os olhos estão abertos, ela é responsável por dois terços da atividade elétrica do cérebro. São necessários apenas 150 milissegundos para o cérebro reconhecer uma imagem e meros cem milissegundos para lhe atribuir um significado.²⁴ Embora tenhamos pontos cegos em ambos os olhos – os pontos onde o nervo óptico se liga à retina –, o cérebro habilmente se intromete para criar a ilusão de um todo sem emendas.²⁵

Como resultado disso, nascemos como identificadores de padrões, vendo rostos nas nuvens, fantasmas nas sombras e animais míticos nas estrelas. E aprendemos melhor quando há imagens para se ver. Conforme explica a especialista em cultura visual Lynell Burmark, “à menos que nossas palavras, conceitos e ideias estejam presos a uma imagem, entrarão por um ouvido, viajarão através do cérebro e sairão pelo outro. Palavras são processadas pela nossa memória em curto prazo, onde podemos reter apenas cerca de sete bits de informação ... Imagens, por outro lado, vão diretamente para a memória em longo prazo, onde são indelevelmente gravadas”.²⁶ Com muito menos palavório e sem o peso da linguagem técnica, as imagens são imediatas – e quando texto e imagem enviam mensagens conflitantes, é a mensagem visual que costuma vencer.²⁷ Então, o velho adágio acaba sendo verdadeiro: uma imagem realmente vale por mil palavras.

Não é exatamente uma surpresa, então, que as imagens tenham desempenhado um papel tão central na maneira como os humanos aprenderam a dar sentido ao mundo. No século VI a.C., na Pérsia, foi gravado em argila, com um estilete afiado, o mais antigo mapa do mundo, o *Imago Mundi*, mostrando a Terra como um disco chato e com a Babilônia firmemente em seu centro. Euclides, o pai da geometria na Grécia Antiga, dominou a análise de círculos, triângulos, curvas e retângulos no espaço bidimensional, criando uma convenção diagramática que Isaac Newton mais tarde usou para apresentar suas revolucionárias leis do movimento, e que hoje em dia ainda é usada em aulas de matemática pelo mundo afora. Pouca gente ouviu falar do arquiteto romano Marcos Vitruvius Polião, mas a representação visual feita por Leonardo da Vinci da sua teoria das proporções é reconhecida de imediato em todo o mundo na imagem do Homem Vitruviano, em pé, nu e

de braços abertos, dentro ao mesmo tempo de um círculo e de um quadrado. Em 1837, quando desenhou pela primeira vez em seu caderno de apontamentos um pequeno diagrama irregular de uma árvore se ramificando – com as palavras “eu penso” anotadas em cima do desenho –, Charles Darwin captou o cerne de uma ideia que iria se tornar *A origem das espécies*.²⁸

Através das culturas e ao longo do tempo, fica claro que as pessoas há muito entenderam o poder das imagens e sua capacidade de derrubar crenças profundamente arraigadas. As imagens ficam retidas na consciência e, sem palavras, dão nova forma à nossa visão de mundo. Não surpreende que Nicolau Copérnico – que passou a vida estudando o movimento dos planetas – tenha esperado até estar no seu leito de morte para publicar a seguinte imagem:



Descrição do Universo feita por Copérnico em 1543, que mostrava a Terra girando em torno do Sol.

Retratando o Sol – e não a Terra – no centro do nosso sistema solar, a imagem de Copérnico deflagrou uma revolução ideológica que questionaria a doutrina da Igreja, ameaçaria o poder papal e transformaria a compreensão da humanidade em relação ao cosmo e ao nosso lugar dentro dele. É extraordinário quanto estrago alguns círculos concêntricos podem causar.

Pense, então, nos círculos, parábolas, retas e curvas que compõem os diagramas centrais da economia – aquelas imagens aparentemente inócuas retratando o que é a economia, como ela se move e para que serve. Nunca subestime o poder de tais imagens: o que desenhamos determina o que podemos e o que não podemos ver, o que notamos e o que ignoramos, e assim molda tudo o que se segue. As imagens que desenhamos para descrever a economia invocam as verdades atemporais da matemática de Euclides e da física de Newton na sua simplicidade geométrica. Mas, ao fazê-lo, deslizam rapidamente para o fundo da nossa consciência, sussurrando sem palavras os mais profundos pressupostos da teoria econômica que nunca precisamos transpor em palavras, porque ficaram inscritos na imaginação. Elas apresentam um retrato muito parcial da economia, passando por cima dos pontos cegos peculiares da própria teoria econômica, incitando-nos a procurar por leis dentro de suas linhas e lançando-nos em busca de falsas metas. Além disso, perduram na mente, como grafites, muito depois que as palavras desvaneceram; tornam-se bagagem intelectual clandestina, alojada no nosso córtex visual sem que sequer nos demos conta de sua presença. E, da mesma forma que os grafites, são muito difíceis de remover. Assim, se uma imagem vale por mil palavras, então, pelo menos em economia, deveríamos prestar bem mais atenção às imagens que ensinamos, desenhamos e aprendemos.

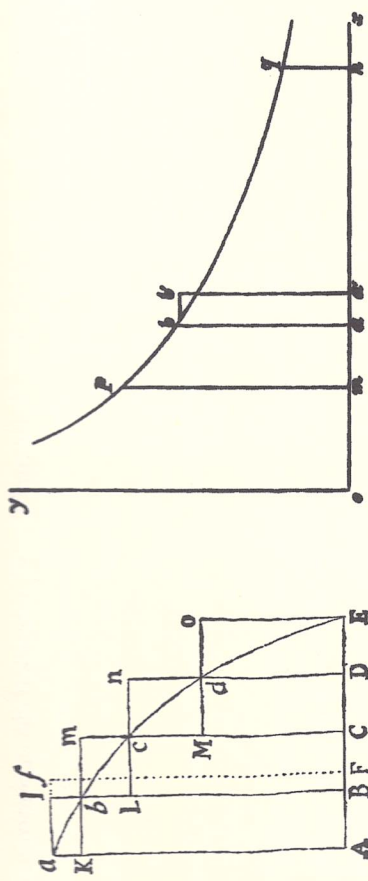
Alguns talvez desprezem essa sugestão, refutando que a teoria econômica é ensinada não em imagens, mas em equações, páginas e mais páginas de equações. Os departamentos de economia, afinal, buscam recrutar matemáticos, não artistas, para engrossar suas fileiras. Mas, na verdade, a economia foi sempre ensinada com diagramas e equações, e os diagra-

mas desempenharam um papel especialmente poderoso, graças a alguns personagens rebeldes e reviravoltas inesperadas no pouco conhecido, mas fascinante, passado do campo.

Imagens na economia: uma história oculta

Muitos dos pais fundadores da economia usaram imagens para expressar suas ideias seminais. Quando, em 1758, publicou seu *Tableau économique* – com suas linhas em zigue-zague descrevendo o fluxo de dinheiro conforme circulava entre proprietários de terras, trabalhadores e mercadores – o economista francês François Quesnay efetivamente desenhou o primeiro modelo econômico quantificado. Na década de 1780, o economista político britânico William Playfair começou a inventar novas maneiras de apresentar dados, usando o que hoje toda criança na escola conhece como diagramas, gráficos de barras e gráficos circulares. Com essas ferramentas, ele visualizou eficazmente as questões políticas do seu tempo, como o aumento vertiginoso do preço do trigo para o trabalhador diarista e o oscilante equilíbrio comercial da Inglaterra com o resto do mundo. Um século mais tarde, o economista britânico William Stanley Jevons desenvolveu um gráfico do que chamou de “lei da demanda”, no qual representava mudanças incrementais em preço e quantidade ao longo de uma curva para mostrar que, quando o preço de um bem cai, as pessoas passam a querer comprar maiores quantidades desse bem. Com a aspiração de fazer com que sua teoria parecesse tão científica quanto a física, compôs seu desenho intencionalmente segundo o estilo dos diagramas utilizados por Newton para descrever as leis do movimento. E essa curva da demanda ainda aparece no primeiro diagrama com que o aluno novato de economia se depara nos dias de hoje.

A economia da primeira metade do século XX foi dominada pelos *Princípios de economia*, de Alfred Marshall, livro publicado em 1890 e usado como referência principal para ensinar a maioria dos estudantes. No prefá-



Sobre o movimento dos corpos
(Isaac Newton, 1687)

Sobre a lei da demanda
(William Stanley Jevons, 1871)

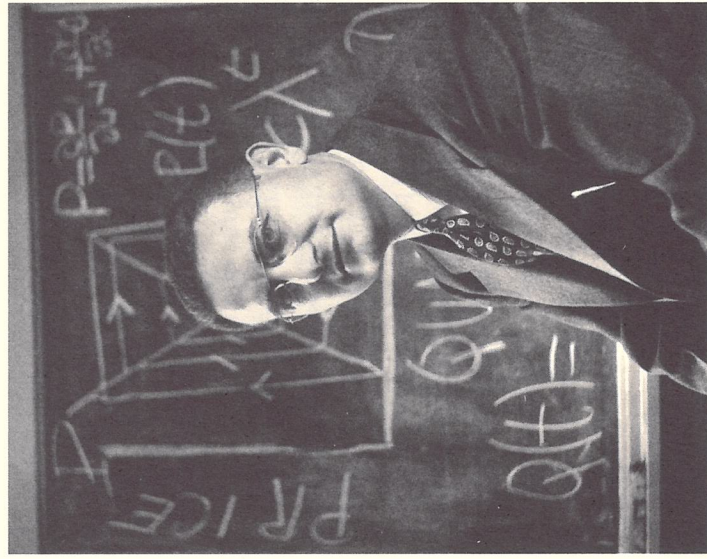
Pretendendo fazer com que a economia parecesse tão científica quanto a física, Jevons desenhou suas teorias segundo o estilo dos diagramas das leis do movimento elaborados por Newton.

cio, Marshall reflete sobre os méritos relativos de usar equações em oposição aos diagramas para elucidar o texto. Equações matemáticas, acreditava ele, eram extremamente úteis para “ajudar a pessoa a anotar de forma rápida, breve e exata alguns dos seus pensamentos para uso próprio ... Mas quando exigem o uso de uma quantidade muito grande de símbolos as equações tornam-se trabalhosas demais para qualquer um, exceto o próprio autor”. O valor dos diagramas, acreditava ele, era muito maior. “A tese apresentada no texto nunca depende deles; e podem ser omitidos”, escreveu, “mas a experiência parece mostrar que eles proporcionam uma compreensão mais firme de muitos princípios do que a que se pode obter sem o seu auxílio; e que há muitos problemas da teoria pura com os quais ninguém que algum dia aprendeu a usar diagramas estará disposto a lidar de outra maneira.”²⁹

Foi Paul Samuelson, porém, quem colocou de forma decisiva as imagens no cerne do pensamento econômico na segunda metade do século XX. Conhecido como o pai da economia moderna, Samuelson passou sua carreira de sete décadas no MIT e, quando morreu, em 2009, foi procla-

mado “um dos gigantes sobre cujos ombros se assenta todo economista contemporâneo”.³⁰ Ele era apaixonado por equações e gráficos, e influenciou profundamente o uso de ambos na teoria e no ensino da economia. Mas, acima de tudo, acreditava que eram destinados a públicos muito diferentes: em resumo, equações eram para os especialistas; as imagens, para as massas.

A primeira grande obra de Samuelson foi o livro da sua tese de doutorado, *Fundamentos da análise econômica*. Publicado em 1947, era dirigido ao teórico puro, sendo impiedosamente matemático: equações, acreditava ele, deveriam ser a língua materna dos economistas profissionais, servindo para abrir caminho em meio ao emaranhado do pensamento e substituí-lo pela precisão científica. No entanto, Samuelson escreveu seu segundo livro para um público completamente diferente, e apenas graças a uma reviravolta do destino.

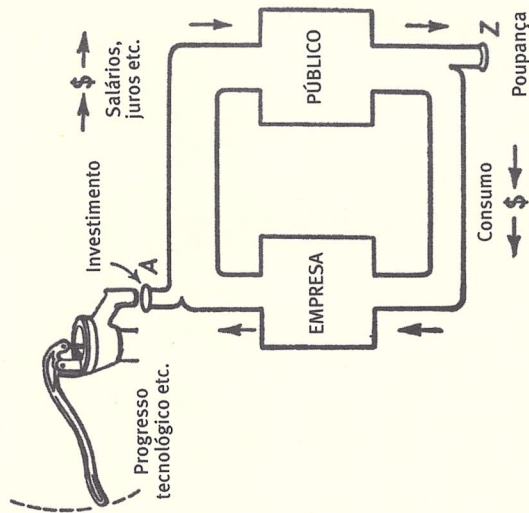


Paul Samuelson: o homem que desenhou a economia.

No fim da Segunda Guerra Mundial, houve um grande aumento no número de matrículas nas faculdades americanas, uma vez que centenas de milhares de soldados voltaram para casa em busca da educação que tinham perdido e dos empregos de que desesperadamente necessitavam. Muitos optaram por estudar engenharia – essencial para a construção no pós-guerra –, e foram solicitados a aprender um pouco de economia durante o processo. Na época, Samuelson era um professor do MIT de trinta anos e um auto-declarado “inexperiente metido a besta se fazendo de entendido em teoria esotérica”. Mas seu chefe de departamento, Ralph Freeman, estava com um problema nas mãos: oitocentos alunos de engenharia no MIT haviam começado um curso obrigatório de um ano em economia, e a coisa não estava indo nada bem. Samuelson lembrou-se da conversa que teve com Freeman num dia em que este apareceu no seu escritório e fechou a porta atrás de si. “Eles estão detestando”, confessou Freeman. “Tentamos de tudo. Eles continuam detestando... Paul, será que você topa continuar meio período por um ou dois semestres? Escreva um texto de que os alunos gostem. Se eles gostarem, a sua economia vai ser a boa. Deixe de fora o que quiser. Seja tão conciso quanto desejar. Qualquer coisa que você consiga fazer será uma grande melhoria em relação ao ponto em que estamos.”³¹

Segundo Samuelson, era uma proposta que ele não podia recusar, e o texto que redigiu nos três anos seguintes – intitulado simplesmente *Economia* – tornou-se o manual clássico de 1948 que lhe valeu a fama pelo resto da vida. Um aspecto fascinante foi que a estratégia que ele adotou para escrevê-lo seguia exatamente os passos da Igreja católica romana medieval. Antes do advento da imprensa, a Igreja usara dois métodos distintos para difundir sua doutrina. Os poucos que tinham instrução – monges, padres e eruditos – eram solicitados a ler a Bíblia em latim, copiando seus versículos linha por linha. Em contraste, às massas iletradas, as histórias da Bíblia eram ensinadas através de imagens, pintadas como afrescos nas paredes das igrejas e iluminadas em vitrais. Esta acabou se revelando uma estratégia de comunicação de massa muito bem-sucedida. Samuelson foi igualmente esperto: deixando de lado as equações dos especialistas, abraçou de corpo e alma os diagramas, imagens e gráficos para criar seu curso de economia integral

para as massas. E, como seu público básico era um batalhão de engenheiros, adotou um estilo visual que eles considerariam familiar, tirado da tradição da engenharia mecânica e da mecânica dos fluidos. A seguir, por exemplo, reproduzimos uma imagem da primeira edição do seu manual, mostrando como a renda circula pela economia, com novos investimentos no alto da trajetória. Esse desenho evoluiu para se tornar seu diagrama mais famoso – conhecido como Fluxo Circular –, e era claramente baseado na metáfora da água correndo através de uma instalação hidráulica.³²



O diagrama do Fluxo Circular de Samuelson, de 1948, que mostrava a renda fluindo pela economia como se fosse água correndo por uma instalação hidráulica.

Seu manual cheio de ilustrações foi um sucesso, e o que funcionou para os engenheiros acabou funcionando também para os outros. *Economia* logo foi adotado por professores universitários em todo o país, e depois no exterior. Tornou-se o best-seller dos manuais americanos – em todas as matérias – durante quase trinta anos. Traduzido para mais de quarenta idiomas, vendeu 4 milhões de exemplares em todo o mundo ao longo de sessenta anos, provendo a gerações de estudantes tudo de que

necessitavam saber sobre o Econ 101.³³ A cada nova edição eram acrescentadas novas imagens: os setenta diagramas da primeira edição haviam se multiplicado para quase 250 na 11ª, em 1980. Samuelson entendia e prezava profundamente essa influência, porque via a cabeça dos calouros universitários como uma página em branco. “Não me importa quem redige as leis de um país, ou elabora seus avançados tratados – contanto que eu possa escrever seus manuais de economia”, declarou anos mais tarde. “O primeiro contato é o privilegiado, porque afeta a *tabula rasa* do iniciante no seu estado mais impressionável.”³⁴

Uma longa luta para fugir

Paul Samuelson não foi o único a apreciar a extraordinária influência exercida por aqueles que determinam a forma como começamos. Seu professor e mentor, Joseph Schumpeter, também percebeu que pode ser muito difícil nos livrarmos das ideias que nos são apresentadas, mas estava determinado a fazê-lo, a fim de abrir caminho para suas próprias percepções. Conforme escreveu em sua *História da análise econômica*, de 1954:

Na prática, nós todos começamos nossa própria pesquisa a partir do trabalho de nossos predecessores, ou seja, dificilmente começamos da estaca zero. Mas, supondo que começássemos do zero, que passos deveríamos dar? Obviamente, para podermos postular a nós mesmos qualquer problema, primeiro precisaríamos visualizar um conjunto distinto de fenômenos coerentes como objeto digno do nosso esforço analítico. Em outras palavras, o esforço analítico é necessariamente precedido de um ato cognitivo pré-analítico que fornece o material bruto para o esforço analítico. Neste livro, esse ato pré-analítico será chamado Visão.

Ele deixou claro, porém, que criar uma nova visão pré-analítica jamais poderia ser um processo imparcial, acrescentando:

A primeira tarefa é verbalizar a visão ou conceitualizá-la ... num esquema ou imagem mais ou menos ordenado ... Deve ficar perfeitamente claro que, nesse processo, existe uma larga porta por onde pode entrar a ideologia. Na verdade, ela já entra no próprio piso térreo, no ato cognitivo pré-analítico de que estivemos a falar. O trabalho analítico começa com material fornecido pela nossa visão das coisas, e essa visão é ideológica quase por definição.³⁵

Outros pensadores têm usado palavras diferentes para apresentar um ponto similar. O conceito de visão pré-analítica de Schumpeter foi inspirado pelas ideias do sociólogo Karl Mannheim, cuja observação, no fim dos anos 1920, de que “todo ponto de vista é específico a uma situação social” o levou a popularizar a noção de que cada um de nós tem uma “visão de mundo” que atua como a lente através da qual interpretamos o mundo. Na década de 1960, Thomas Kuhn virou a pesquisa científica de cabeça para baixo ao apontar que “cientistas trabalham a partir de modelos adquiridos por meio da educação ... com frequência sem saber muito bem, ou sentir a necessidade de saber, que características deram a esses modelos o status de paradigmas comunitários”.³⁶ Nos anos 1970, o sociólogo Erving Goffman introduziu o conceito de “enquadramento” – no sentido de que cada um de nós enxerga o mundo através de um quadro mental – para mostrar que a maneira como criamos sentido a partir da nossa mistura de experiências delinea aquilo que então podemos ver.³⁷

Visão pré-analítica. Visão de mundo. Paradigma. Enquadramento. São todos conceitos vizinhos. Mais importante do que aquele que decidimos utilizar é perceber que, em primeiro lugar, adotamos um deles, porque então temos o poder de questioná-lo e mudá-lo. Em economia, esse é um convite aberto para um olhar renovado dos modelos mentais que empregamos ao descrevê-la e compreendê-la. Mas não é uma coisa fácil de se fazer, como Keynes descobriu. Chegar com sua teoria revolucionária na década de 1930 foi, como ele mesmo admitiu, “uma luta para fugir dos modos habituais de pensamento e expressão ... A dificuldade reside não nas ideias novas, mas nas antigas que se ramificam – para aqueles de nós que foram criados como a maior parte das pessoas – em cada canto de nossas mentes”.³⁸

A possibilidade de nos livrarmos de velhos modelos mentais é sedutora, mas a busca por modelos novos impõe algumas ressalvas. Primeiro, devemos sempre nos lembrar de que “o mapa não é o território”, como afirma o filósofo Alfred Korzybski: todo modelo é sempre apenas um modelo, uma simplificação necessária do mundo, e nunca deve ser confundido com a coisa real. Segundo, não existe por aí visão pré-analítica correta, paradigma verdadeiro ou enquadramento perfeito a ser descoberto. Nas hábeis palavras do estatístico George Box, “todos os modelos são errados, mas alguns são úteis”.³⁹ Repensar a economia não tem a ver com descobrir uma economia correta (porque não existe); trata-se de escolher ou criar aquela que melhor serve ao nosso propósito – refletir o contexto com que nos deparamos, os valores que sustentamos e os nossos objetivos. Como o contexto, os valores e os objetivos da humanidade evoluem, o mesmo deveria acontecer com o modo como encaramos a economia.

Pode não haver enquadramento perfeito à espera de ser descoberto, mas, como argumenta o linguista cognitivo George Lakoff, é absolutamente essencial dispor de um enquadramento alternativo convincente se temos a intenção de algum dia derrubar o velho. A simples refutação do enquadramento dominante servirá apenas, ironicamente, para reforçá-lo. E, sem uma alternativa para oferecer, há pouca chance de adentrar, que dirá vencer, a batalha de ideias.

Durante anos Lakoff chamou a atenção para o poder do enquadramento verbal na moldagem do debate político e econômico. Ele ressalta, a título de exemplo, a noção de “alívio fiscal”, amplamente utilizada pelos conservadores nos Estados Unidos: em duas palavras apenas, ele enquadra impostos como uma aflição, um fardo a ser mitigado por um heroico salvador. Como devem responder os progressistas? Com certeza não argumentando “contra o alívio fiscal”, porque repetir a expressão apenas fortalece o enquadramento (afinal, quem poderia ser contra um alívio?). Mas, como afirma Lakoff, os progressistas tentam com demasiada frequência expor os seus pontos de vista pessoais sobre tributos com longas explicações justamente porque não foi desenvolvido nenhum enquadramento alternativo conciso.⁴⁰ Eles precisam desesperadamente de uma expressão alternativa de

duas palavras que resume sua visão em oposição à outra. Na verdade, o enquadramento da “justiça fiscal” – que invoca, de imediato, comunidade, justiça e responsabilidade contábil – vem ganhando rapidamente tração internacional à medida que escândalos globais relacionados com paraísos fiscais e evasão de impostos por parte das empresas têm aparecido nas manchetes. Dispor de um modo poderoso de enquadrar o assunto sem dúvida ajudou a canalizar a indignação pública e mobilizar uma exigência generalizada por mudanças.⁴¹

Assim como o trabalho de Lakoff revelou o poder do enquadramento *verbal* no debate político e econômico, este livro pretende revelar o poder do enquadramento *visual* e usá-lo para transformar o pensamento econômico do século XXI. Só percebi o quanto o enquadramento visual pode ser poderoso em 2011, quando desenhei pela primeira vez o Donut e fui surpreendida pela resposta internacional a ele. Na arena do desenvolvimento sustentável, ele logo se tornou uma imagem icônica usada igualmente por ativistas, governos, empresas e acadêmicos para mudar os termos do debate. Em 2015, pessoas envolvidas no processo de negociação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU – as dezessete metas globalmente acordadas para mapear o progresso humano – me disseram que, em reuniões tarde da noite para cravar o texto final, a imagem do Donut estava ali sobre a mesa como lembrete das amplas metas que estavam sendo visadas. Muitas pessoas me disseram que o Donut tornava visível o modo como sempre haviam pensado o desenvolvimento sustentável; elas simplesmente nunca o tinham visto desenhado antes. O que mais me impressionou foi o impacto que a imagem teve na promoção de novas maneiras de pensar: ela ajudou a revigorar velhos debates e instigar novas discussões, ao mesmo tempo oferecendo uma visão positiva de um futuro econômico pelo qual valia a pena lutar.

Aos poucos, fui percebendo que os enquadramentos visuais são tão importantes quanto os verbais. Essa compreensão me levou a olhar para trás, para as imagens que haviam dominado a minha própria formação em economia, e pela primeira vez vi com que vigor resumiam e reforçavam a maneira de pensar que me fora ensinada. No cerne do pen-

samento econômico da corrente dominante encontra-se um punhado de diagramas que enquadraram, sem palavras mas poderosamente, a maneira como fomos ensinados a compreender o mundo econômico – e são todos obsoletos, incompletos ou simplesmente errados. Eles podem estar ocultos da nossa visão, mas enquadram profundamente a maneira como pensamos sobre economia em sala de aula, no governo, na sala de reuniões, na mídia e na rua. Se quisermos escrever uma nova história econômica, precisamos desenhar novas imagens, que confinem as velhas aos manuais do século passado.

E o que acontece, então, se você nunca estudou economia, nunca pôs os olhos nas suas imagens mais poderosas? Para começar, não se iluda achando que é imune à influência delas: ninguém é. Esses diagramas enquadram tão intensamente a forma como economistas, políticos e jornalistas falam da economia que todos acabamos por invocá-los com as nossas palavras, mesmo que nunca os tenhamos visto com nossos próprios olhos. Mas, ao mesmo tempo, como novato em economia, considere-se feliz por Paul Samuelson nunca ter tido aquele primeiro contato com a sua *tabula rasa*. O fato de nunca ter assistido a uma aula de economia pode acabar se revelando, afinal, uma nítida vantagem: você tem menos bagagem para descarregar, menos grafites para apagar. Às vezes, não ter tido aulas pode constituir uma vantagem intelectual – e este é um desses momentos.

Sete maneiras de pensar como um economista do século XXI

Quer você se considere veterano ou novato em economia, agora é a hora de revelar o grafite econômico que paira na mente de todos nós – e, se você não gostar do que encontrar, pode simplesmente apagá-lo; ou, melhor ainda, cobri-lo com novas imagens, muito mais adequadas aos nossos tempos e necessidades. Nas páginas que se seguem, este livro propõe sete maneiras de pensar como um economista do século XXI, revelando em cada uma delas a imagem espúria que ocupou nossa mente, como ela veio a se tornar

tão poderosa e a influência perniciosa que teve. Mas o tempo da mera crítica já passou, e é por isso que o foco aqui é a criação de novas imagens, que capturem os princípios essenciais para nos guiar a partir de agora. Os diagramas neste livro objetivam resumir esse salto do velho para o novo pensar econômico. Em conjunto, eles estabelecem – literalmente – um novo quadro geral para o economista do século XXI. Assim, eis uma excursão a jato pelas ideias e imagens no cerne da Economia Donut.

1. **Mudar o objetivo.** Por mais de setenta anos a economia esteve fixada no PIB (Produto Interno Bruto), ou produção nacional, como medida básica de progresso. Essa fixação tem sido usada para justificar desigualdades extremas de renda e riqueza conjugadas a uma destruição sem precedentes do mundo vivo. Para o século XXI, é necessária uma meta muito maior: atender aos direitos humanos de cada pessoa dentro dos meios do nosso planeta gerador de vida. E a meta está encapsulada no conceito do Donut. O desafio agora é criar economias – no âmbito local e global – que ajudem a trazer toda a humanidade para o espaço seguro e justo do Donut. Em vez de perseguir um PIB sempre crescente, é hora de descobrir como prosperar em equilíbrio.

2. **Analisar o quadro geral.** A corrente econômica dominante retrata a economia como um todo com apenas uma imagem, extremamente limitada: o diagrama do Fluxo Circular. Suas limitações, além disso, têm sido usadas para reforçar a narrativa neoliberal acerca da eficiência do mercado, a incompetência do Estado, a domesticidade do agregado familiar e a tragédia dos bens comuns. É hora de fazer um novo desenho da economia, integrando-a no seio da sociedade e da natureza, tendo o Sol como fonte de energia. Essa nova representação convida a novas narrativas – sobre o poder do mercado, a parceria do Estado, o papel central do agregado familiar e a criatividade dos bens comuns.

3. **Estimular a natureza humana.** No coração da economia do século XX encontra-se o retrato do homem econômico racional: ele nos diz que somos egoístas, solitários, calculistas, pouco afeitos a mudanças, e que dominamos a natureza – e moldou as pessoas em quem nos transformamos.

Mas a natureza humana é muito mais rica que isso, como revelam os primeiros esboços do nosso novo autorretrato: somos sociais, interdependentes, próximos, fluídos em matéria de valores e dependentes do mundo vivo. Além disso, é de fato possível estimular a natureza humana de maneiras que aumentem consideravelmente nossas chances de entrar no espaço seguro e justo do Donut.

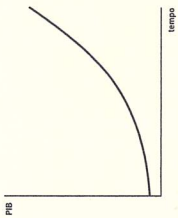
4. **Compreender o funcionamento dos sistemas.** O icônico cruzamento das curvas de oferta e demanda do mercado é o primeiro diagrama com que todo estudante de economia se depara, mas tem como base metáforas equivocadas de equilíbrio mecânico do século XIX. Um ponto de partida muito mais inteligente para compreender o dinamismo da economia é o pensamento sistêmico, resumido por um simples par de circuitos de feedback. Colocar essa dinâmica no cerne da economia possibilita muitas percepções novas, da expansão e falência dos mercados financeiros à natureza autorreforçadora da desigualdade econômica e os pontos de inflexão das mudanças climáticas. É hora de parar de procurar pelas ilusórias alavancas de controle da economia e começar a administrá-la como um sistema complexo sempre em evolução.

5. **Projetar para distribuir.** No século XX, uma curva simples – a Curva de Kuznets – insinuava uma mensagem poderosa sobre a desigualdade: as coisas precisam piorar antes de melhorar, e o crescimento (eventualmente) a equilibrará. Mas acontece que a desigualdade não é uma necessidade econômica: é uma falha de projeto. Os economistas do século XXI reconhecerão que há muitas maneiras de projetar economias de modo que sejam muito mais distributivas do valor que geram – uma ideia mais bem representada como uma rede de fluxos. Isso significa ir além da redistribuição de renda para explorar modos de redistribuir a riqueza, em especial aquela que reside no controle de terras, empreendimentos, tecnologias, conhecimentos e no poder de criar dinheiro.

6. **Criar para regenerar.** A teoria econômica tem há muito retratado um meio ambiente “limpo” como um bem de luxo, acessível apenas aos mais

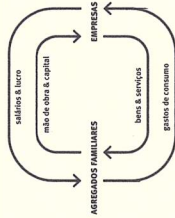
1. Mudar o objetivo

PIB



2. Analisar o quadro geral

mercado autônomo



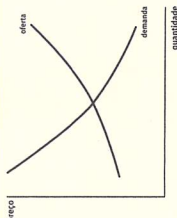
3. Estimular a natureza humana

homem econômico racional



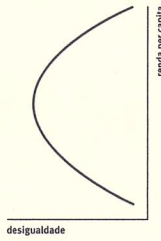
4. Compreender o funcionamento dos sistemas

equilíbrio mecânico



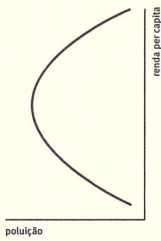
5. Projetar para distribuir

reequilíbrio pelo crescimento



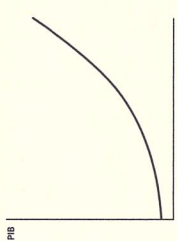
6. Criar para regenerar

o crescimento limpará tudo de novo



7. Ser agnóstico em relação ao crescimento

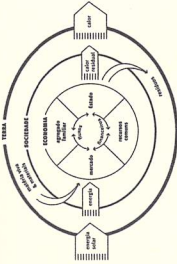
virada em crescimento



o Donut



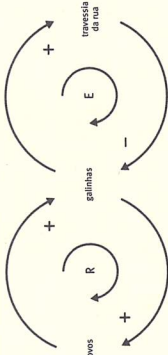
economia integrada



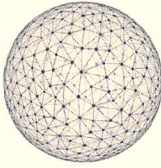
seres humanos sociais adaptáveis



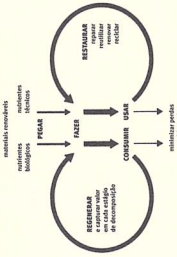
complexidade dinâmica



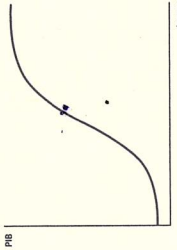
distributiva por concepção



regenerativa por concepção



agnóstica em relação ao crescimento



abastados. Essa visão era reforçada pela Curva Ambiental de Kuznets, que mais uma vez insinuava que a poluição precisa piorar antes de poder melhorar, e que o crescimento (eventualmente) a limpará. Mas essa lei não existe: a degradação ecológica é simplesmente resultado de uma concepção industrial degenerativa. Este século precisa de um pensamento econômico que desencadeie uma concepção regenerativa para criar uma economia circular – não linear – e restaurar os seres humanos como participantes plenos no processo cíclico da vida na Terra.

7. Ser agnóstico em relação ao crescimento. Há um diagrama da teoria econômica que é tão perigoso que nunca é realmente desenhado: a trajetória de crescimento do PIB em longo prazo. A corrente dominante da economia vê o crescimento econômico interminável como uma obrigação, mas nada na natureza cresce para sempre, e a tentativa de impor essa tendência está levantando duras questões em países de alta renda mas baixo crescimento. Talvez não seja difícil desistir do crescimento do PIB como objetivo econômico, mas será muito mais difícil superar a dependência que temos em relação a ele. Hoje em dia, temos economias que precisam crescer, quer nos façam ou não prosperar: o que precisamos é de economias que nos façam prosperar, cresçam elas ou não. Essa mudança radical de perspectiva nos convida a nos tornarmos agnósticos em relação ao crescimento e a explorar como economias que hoje em dia estão financeira, política e socialmente dependentes do crescimento poderiam aprender a viver com ou sem ele.

Essas sete maneiras de pensar como um economista do século XXI não apresentam receitas específicas de políticas nem dilemas institucionais. Não prometem respostas imediatas para o que fazer em seguida e não são a resposta completa. Mas estou convencida de que são fundamentais para a maneira radicalmente diferente de pensar sobre economia que este século exige. Seus princípios e padrões equiparão novos pensadores econômicos – e o economista que existe em cada um de nós –, permitindo que eles comecem a criar uma economia que possibilite a prosperidade de todos. Dada a rapidez, escala e incerteza das mudanças que enfrentaremos nos

próximos anos, seria temerário tentar prescrever agora todas as políticas e instituições que serão adequadas para o futuro: a próxima geração de pensadores e executantes estará muito mais bem posicionada para experimentar e descobrir o que funciona à medida que o contexto for mudando. O que podemos fazer agora – e devemos fazer bem – é reunir o melhor das ideias que emergem, e assim criar uma nova mentalidade econômica que nunca será estática, mas estará sempre em evolução.

A tarefa para os pensadores econômicos nas décadas por vir será juntar na prática essas sete maneiras de pensar, e acrescentar a elas muitas outras. Mal começamos nossa aventura de repensar a economia. Junte-se à tripulação.